

ANÁLISE DO ROMANCE “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR, A PARTIR DE PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO¹

Vanessa Rita de Jesus Cruz (UFNT)

vanessalinguagens@hotmail.com

João de Deus Leite (UFNT)

joaodedeusleite@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste texto é realizar uma breve análise do romance “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, utilizando como suporte teórico a Análise de Discurso, pensando o funcionamento discursivo a partir da relação intrínseca entre o linguístico e a exterioridade – esta constitutiva da linguagem e também de seu funcionamento –, não podendo haver separação entre o social e o histórico. Ressaltando que pensar a língua requer que não esqueçamos que a exterioridade lhe é intrínseca, e que não podemos deixar de considerar a historicidade, a ideologia e o inconsciente que constituem o sujeito. Considerando o nosso objetivo, faremos alguns apontamentos sobre movimentos teóricos no campo da linguística, principalmente a Análise de Discurso, e sobre a noção de funcionamento discursivo, elaborada por Michel Pêcheux.

Palavras-chave:

Interpretação. Funcionamento Discursivo. Análise de Discurso.

ABSTRACT

The purpose of this text is to carry out a brief analysis of Clarice Lispector’s novel “A hora da estrela”, using as theoretical support the Discourse Analysis, thinking the discursive functioning from the intrinsic relationship between the linguistic and the exteriority – this constitutive of language and its functioning –, there can be no separation between the social and the historical. Emphasizing that thinking the language requires that we do not forget that the exteriority is intrinsic to it, and that we cannot fail to consider the historicity, the ideology and the unconscious that constitute the subject. Considering our objective, we will make some notes on theoretical movements in the field of linguistics, mainly Discourse Analysis, and on the notion of discursive functioning, elaborated by Michel Pêcheux.

Keywords:

Interpretation. Discourse Analysis. Discursive Functioning.

¹A referida obra já foi por nós analisada em outro texto, a partir de outra inscrição teórica, conforme consta nas referências bibliográficas.

1. Considerações iniciais

A Análise de Discurso francesa, de orientação pêuchetiana, constituiu-se como uma teoria que proporciona uma reflexão acerca da produção de sentidos, assim como leva a pensar sobre as relações existentes entre o homem, a sociedade e a história e permite compreender como o discurso se torna o lugar de interpretação daquilo que liga o homem e a realidade.

A Análise de Discurso pode contribuir sobremaneira para a leitura de um texto, oferecendo conceitos que podem permitir uma análise mais aprofundada da obra. Propomos um novo olhar para a leitura, percebendo que a linguagem não é neutra, inocente, natural, e sim um espaço em que um sujeito age sobre outro. Assim sendo, ela é sempre ligada a uma intencionalidade. É o espaço em que as ideologias se manifestam e em que os conflitos ideológicos se realizam. Ela não é meramente instrumento de comunicação e/ou suporte de pensamento.

Analisar, interpretar e compreender os textos/discursos, a partir da ótica dos pressupostos da Análise de Discurso, é uma atividade que se torna significativa, pois busca identificar os efeitos de sentido que são construídos nos enunciados, assim como também identifica as posições ideológicas e discursivas que o sujeito discursivo reproduz e que ganham materialidade na língua.

Neste texto, faremos, inicialmente, algumas considerações sobre os vários movimentos teóricos que surgiram no campo da linguística, desde o século XIX até o século XX, século em que surgiu a Análise de Discurso, com a finalidade de percebermos como a linguagem foi vista e estudada e o que a Linguística nesse período tomou como objeto. Posteriormente, faremos breves apontamentos sobre a Análise de Discurso e sobre a obra *A Hora da Estrela*, tomada como discurso.

2. Alguns movimentos teóricos no campo da linguística: do século XIX ao século XX

A relação entre o homem e o mundo se dá por meio da linguagem e, desde a antiguidade, ela é fonte de estudos. A Linguística, como disciplina científica, data do início do século XIX e se constituiu em um cenário que predominava uma “concepção naturalista e histórica do conhecimento científico” (GUIMARÃES; ORLANDI, 2006, p. 147). Inicialmente, a linguística tem como objeto a mudança linguística e utiliza o método

comparativo para lidar com esse objeto. Por meio desse método, o linguista procurava as relações genealógicas entre as línguas europeias e asiáticas, buscando reconstruir, por meio da comparação, o passado das línguas da mesma família. Na Linguística Histórica, comparavam-se as partes de determinada língua para se chegar à forma primitiva.

Com o surgimento da Linguística Moderna, no início do século XX, inicia-se um movimento decisivo no campo da Linguística. Saussure (1916) procurou libertar-se das pesquisas eruditas e minuciosas em que se tinham confinado os comparatistas do século XIX e brilhado os neogramáticos, para tentar estabelecer leis gerais que se tornaram essenciais para o pensamento linguístico moderno.

Dentre as dicotomias estabelecidas por Saussure (1916), está a da língua/fala e, por meio dela, ele define o objeto da linguística: a língua. Língua, para Saussure (1916), é um sistema de signos linguísticos que serve como meio de compreensão entre os membros de uma mesma comunidade linguística, enquanto a fala é o uso que cada membro dessa comunidade linguística faz da língua para se fazer compreender. A fala é considerada secundária em relação à língua. Na perspectiva dos estudos de Saussure (1916), ao separar a língua da fala, separa-se o que é social do que é individual, e o que é essencial do que é acessório, mas ele não negava o fato de que língua e fala implicavam-se mutuamente. É muito importante ressaltarmos que, sendo a língua o objeto da linguística, não foram incluídas questões do sujeito nem da relação deste com o mundo do qual é parte. Logo, nada no linguístico é exterior à língua.

A partir do Curso de Linguística Geral, os estudos sobre a linguagem tomaram um novo rumo. O campo do estruturalismo com os estudos enunciativos de Émile Benveniste, por exemplo, representaram a inclusão do sujeito no linguístico, pensando a relação do funcionamento da língua com aquele que fala. Temos também a semântica argumentativa, que analisa as relações retóricas como integradas ao linguístico; a pragmática, o funcionalismo de Jakobson e Martinet; o estruturalismo não funcionalista de Hjelmslev, que influenciou a semântica estrutural de Greimas. Ademais, o estruturalismo avançaria para os estudos da antropologia, da sociologia, da psicanálise e da filosofia, influenciando o pensamento de Levi-Strauss, de Lacan e de Althusser (Cf. GUIMARÃES; ORLANDI, 2006).

Ainda sobre a linguística do século XX, é importante ressaltarmos o trabalho de Noam Chomsky, em que a linguagem é vista como expres-

são do pensamento e é considerada, biologicamente, um organismo humano. Chomsky estabelece como objeto da linguística a competência linguística, vista como inata, que pressupõe um falante ideal capaz de gerar um número infinitamente grande de sentenças que constitui a sua língua. Ressaltamos que essa corrente volta a se aproximar do comparatismo do século XIX, porém a questão biológica é colocada fora do historicismo. Esse falante ideal pensado por Chomsky não é analisado inserido em sua história particular.

Se, por um lado, o posicionamento de Chomsky pressupõe uma universalidade e a unidade da língua, temos, por outro lado, posições opostas: a antropologia de Edward Sapir, que pensa a língua como “parte da cultura de um povo” (GUIMARÃES; ORLANDI, 2006, p. 150), sendo assim também determinada por esta cultura. Vê-se aqui a linguagem relacionada a elementos exteriores. Temos também a sociolinguística de William Labov, que tem como objeto a variação linguística, sendo a língua vista também em relação ao que lhe é externo.

Segundo Eduardo Guimarães e Eni P. Orlandi (2006), o último movimento nos estudos da linguagem no século XX foi a Análise de Discurso, disciplina que se desenvolveu no final da década de sessenta, na França. Essa disciplina tem como objeto de estudos o discurso visto como um objeto “integralmente linguístico e integralmente histórico” (GUIMARÃES; ORLANDI, 2006, p. 151). Essa teoria põe em cena a historicidade deixada de lado pelas correntes as quais já nos referimos anteriormente. Uma historicidade que pensa a ideologia e a materialidade sócio-histórica.

A Sociolinguística, por exemplo, convoca a historicidade como um apêndice, como algo que é lateral, representando uma exterioridade do elemento linguístico. Enquanto a Análise de Discurso vê a historicidade como constitutiva da linguagem, faz parte dela, atravessa-a.

3. *Breves considerações sobre a Análise de Discurso*

A teoria da Análise de Discurso é uma teoria de entremeios. Trata-se de um diálogo – vê-se como diferente de inclusão – epistemológico; o que pressupõe rupturas, deslocamentos e transformações – entre três campos disciplinares: a linguística, o marxismo e a psicanálise.

A Análise de Discurso questiona a linguística pela historicidade que ela apaga; interroga o materialismo quanto ao simbólico e interpela a

psicanálise pelo modo de trabalhar a ideologia, materialmente relacionada ao inconsciente, sem, no entanto, ser absorvida por ele. Assim, para a Análise de Discurso, a língua realmente tem a sua ordem própria, porém não é completamente autônoma, pois depende do sujeito e das condições de produção. O histórico é afetado pelo simbólico, uma vez que os fatos reclamam sentido; o real da história e da língua afeta o sujeito, que “funciona” por meio da ideologia e do inconsciente.

Como já dissemos, a relação entre o homem e o mundo se dá por meio da linguagem. Essa relação é influenciada pelo imaginário, pelo simbólico e pelo real. A linguagem é um dos fatos humanos e pode ser vista como sendo tudo o que significa em um uso específico. Ela se constitui da língua (social, compartilhada, regular, sistematizável, possui um princípio de ordenação que é imutável, produz um valor sistêmico) e da fala (individual, histórica, realização, materialização irregular, atualiza e estabiliza a língua em um sistema linguístico), mas esta última foi deixada de lado por Saussure (1916), como já pontuamos, e, ao fazer isso, entendemos que ele separou “o que é social e o que é histórico” (ORLANDI, 2006, p. 14).

Então, segundo Orlandi (2006), a Análise de Discurso pensa “uma relação não dicotômica entre língua e discurso” (ORLANDI, 2006, p. 14), podendo o discurso ter o seu funcionamento analisado, em uma constante relação com o linguístico e com a exterioridade.

Conforme Orlandi (1984), Pêcheux, em “Análise Automática do Discurso”, de 1969, define discurso como “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 1984, p. 10). O sentido constitui-se como a base material – linguística (signos linguísticos) e não linguística para a realização do discurso, que é diferente de língua e de fala.

A língua constitui-se como a condição necessária para se falar e enunciar. Para tanto, é necessário que o homem seja interpelado em sujeito. Esse sujeito, além da língua, precisa ser afetado pelos esquecimentos de que nos fala Pêcheux. Esquecimento número 1 (nível da constituição): o sujeito acredita ser a origem do dizer; é uma ilusão necessária. Esquece que é um sujeito clivado e que não é a origem do dizer. O imaginário assegura essa ilusão necessária; e esquecimento número 2 (nível da formulação): o sujeito tem a ilusão de que ele controla o seu dizer; também é uma ilusão necessária. Para essa disciplina, o sujeito, ou melhor, o sujeito discursivo, é um ser social e ideológico.

Interessa-nos, ainda, alguns comentários sobre formação discursiva e formação ideológica. No que diz respeito à formação discursiva, trata-se daquilo que dita o que determinado sujeito pode, ou não, deve, ou não, dizer, levando-se em consideração o lugar social do qual enuncia e baseado em regras que foram construídas historicamente.

Para se definir uma formação discursiva, para encontrar sua fronteira, é necessário relacioná-la com outras formações discursivas. A fronteira entre elas, no entanto, é fluida, o que quer dizer que uma formação discursiva é invadida, constantemente, por elementos que advêm de outras formações discursivas. Desse modo, não se pode considerá-las como um espaço estrutural fechado, pois este espaço é atravessado por discursos emanados de outros lugares, com enunciados retomados e reformulados.

Uma formação discursiva não se restringe a apenas uma época. Nela, encontram-se elementos existentes em diferentes espaços sociais, em diferentes momentos históricos, “mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, integrando novo contexto histórico, e, conseqüentemente, possibilitando outros efeitos de sentido” (FERNANDES, 2007, p. 59). Pelo fato do sentido não existir por si mesmo, mas graças às posições ideológicas que se colocam em jogo no processo sócio-histórico em que se produz as palavras, que têm seu sentido modificado dependendo das posições dos sujeitos que as utilizam, ou seja, das formações ideológicas em que essas posições se inscrevem, a noção de formação discursiva é que permitirá a compreensão do processo de produção de sentidos, sua relação com a ideologia e com os diferentes sentidos.

É pela referência à formação discursiva que podemos compreender, no funcionamento discursivo, os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes. (ORLANDI, 2000, p. 44)

Assim, os sujeitos, situados historicamente, podem ou não concordar com os sentidos atribuídos às palavras; e o que permite essa postura do sujeito é a formação discursiva. Acresce-se, ainda, que, à noção de formação discursiva, está ligada a formação ideológica.

Por formação ideológica entende-se um embate de forças ideológicas que ocorrem em determinado espaço/tempo sócio-históricos. Como exemplo de forças capazes de intervirem como elemento de confronto ideológico, sempre considerando o espaço/tempo sócio-históricos, pode ser citada a “posição da religião” versus a “posição da ciência” acerca de

determinados assuntos: aborto; uso de preservativos; pesquisa com células-tronco embrionárias; etc.

Essas forças, passíveis de confronto, ao se realizarem no discurso, materializam as ideologias, relacionando as posições dos grupos em conflito ideológico. Tem-se, assim, uma formação ideológica, isto é, “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras” (HAROCHE *et al.* apud BRANDÃO, 2004, p. 47).

4. Leitura do romance “A hora da estrela” a partir das noções de Discurso e funcionamento discursivo em elaborações de Pêcheux

A linguagem, enquanto lugar de conflitos ideológicos, não pode ser vista como algo fora da sociedade, por isso ela possui um caráter formal, mas também social e histórico. A linguagem não é apenas a transmissão de uma informação de um emissor para um receptor; ao utilizarmos a língua, agimos sobre o outro, mas o outro também age sobre nós.

A palavra discurso, em sua etimologia, traz a ideia de curso, de percurso e de movimento. O discurso seria, então, palavra em movimento (ORLANDI, 2000). Para a Análise de Discurso, interessa a língua fazendo sentido por meio dos sujeitos; a língua não é vista como um sistema abstrato, em que um sujeito idealizado a toma como um dispositivo de comunicação e dela se torna usuário. Analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de atividade social. O discurso é tomado como um objeto sócio-histórico e a linguagem é sempre apreendida em uma situação social e histórica.

Dentre as inúmeras contribuições apresentadas por Michel Pêcheux em seu estudo sobre a Análise de Discurso, está a de funcionamento discursivo (Cf. PÊCHEUX, 1990), sendo o discurso visto como uma estrutura e um acontecimento. Discurso esse que é marcado pela repetibilidade e pela irrepetibilidade, uma vez que ele resulta de um “já-dito” que é sempre um “jamais-dito”. O funcionamento discursivo tem a ver com a significação do discurso, o olhar para a materialidade histórica. Pensar o funcionamento de um discurso é apreender a sistematização de algo

funcionando; olhar para a parte e ver como ela funciona, estabelecendo uma relação com o todo.

Logo, o funcionamento discursivo pressupõe uma articulação teórico-analítica entre descrição e interpretação. Sendo esta representada por um objeto simbólico (tudo aquilo que significa em uma prática social). O funcionamento discursivo existe em consonância com as condições de produção estrutural: a formação ideológica, a formação discursiva e a formação imaginária.

O texto constitui-se como a unidade da Análise de Discurso e não pensaremos a sua função, mas o seu funcionamento. Segundo Orlandi (2006), não são as palavras que significam, mas o texto. A palavra somente significa se tiver textualidade, se tiver relacionada com as suas condições de produção – condições de produção não é contexto empírico imediato. O texto não é apenas um objeto linguístico, mas também histórico (o texto tem materialidade histórica), sendo assim, ele é parte de um processo que se desenvolve em diferentes situações sociais.

Na condição de discurso, o texto sai da sua forma empírica (empírico diz respeito àquilo que está na experiência do mundo, no contexto imediato). A linguagem coloca cada sujeito em seu lugar e o contexto deixa de ser empírico porque a linguagem cria espaço de interpretação e de sentido, ressaltando que para produzir sentido, preciso do tripé: sujeito-história-língua. O sujeito, enquanto uma constituição estrutural, é perpassado de desejo e de linguagem; a história mostra a desigualdade dos sentidos e os modos de produção permeados pela historicidade; a língua se constitui como a base material dos processos discursivos. Na relação desse tripé, há algo que é repetível e algo que é irrepitível, mas a repetição se dá com diferenças. Como sujeitos, somos constituídos pela unidade (estruturação do eu) e pela dispersão (fragmentação do eu).

A Análise de Discurso, como um dispositivo de interpretação e leitura, pode fazer perguntas e contribuir na produção de significação, mas não pode fechar o sentido e a interpretação, pois um texto é atravessado por diferentes formações discursivas. É o que Orlandi (2006) chama de “heterogeneidade do discurso”. Essas diferentes formações correspondem a “diferentes posições sujeitos no discurso” (ORLANDI, 2006, p. 23). A interpretação, como já pontuamos, não se fecha, porque o equívoco é constitutivo da linguagem. A interpretação se realiza pela exposição do sujeito à historicidade, à ideologia, relacionando-se, dessa forma, com o simbólico.

Diante do exposto, é relevante compreendermos que condições permitem a produção de determinado discurso. Quando lemos um texto, é importante que percebamos em quais formações discursivas os sujeitos ali retratados se inscrevem e quais as ideologias permeiam os seus discursos. A ideologia interpela o indivíduo concreto em sujeito e somente por meio deste ela pode se concretizar.

Remeter o texto à condição de discurso faz com que percebamos como os sentidos emergem e como o social e o histórico são indissociáveis da língua. Levando em conta que o analista de discurso não segmenta, mas realiza um recorte em um material de análise (objeto simbólico) e vai “costurando” com a historicidade, faremos, então, dentro do campo literário, o recorte de um romance na tentativa de observarmos como a Análise de Discurso, como um dispositivo de interpretação, pode representar uma possibilidade de leitura que pensa o sujeito em sua relação com o social e o histórico. Um analista de discurso toca a materialidade histórica (língua) e procura “perseguir” os efeitos que um objeto simbólico produz em um espaço sócio simbólico, atento ao fato que

Toda descrição (...) está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (...). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. E é neste ponto que se encontra a questão das disciplinas de interpretação: é porque há o *outro* nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao languageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem-se organizar em memórias, e as relações sociais em redes de significantes. (PÉCHEUX, 1990, p. 53-4) (grifo do autor)

Tendo em vista essas considerações, vejamos o romance (discurso). O romance “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, publicado em 1977 é uma obra que reflete ficção e realidade, abordando questões referentes à linguagem, à construção da narrativa e à compreensão da existência humana. No enredo da obra, há a presença de um personagem autor-narrador, que se torna o mediador entre o texto e o leitor. Além dessa função de mediador, ele também aborda os processos de construção de sua obra, busca a sua identidade, busca viver e suspender a morte.

Rodrigo S. M., o personagem autor-narrador, ao criar e narrar a história, vai nos apresentando a personagem de sua “história”, Macabéa,

uma nordestina de 19 anos, virgem, que migra de Maceió para o Rio de Janeiro, que não tem consciência de sua existência, um indivíduo “sem” identidade: “Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” cairia estatelada e em cheio no chão” (LISPECTOR, 1998, p. 15). Ele diz que vislumbrou a sua personagem no rosto de uma moça nordestina que viu na rua da cidade do Rio de Janeiro. Vemos que Macabéa é uma nordestina que migra para o Rio, temos, então, na obra a representação de uma coletividade (faz-nos refletir sobre a situação de vários nordestinos que migram para os grandes centros em busca de melhores condições e acabam por viver na miséria).

A literatura, assim como outros campos do saber, nos oferece “um modo de textualização da memória social” e tendo em vista que o acontecimento “é justamente esta representação de um fato que está disponível ao observador para atribuição de sentidos” (FERREIRA; RODRIGUES, 2013, p. 123) é que tomamos o romance “A hora da estrela” como um acontecimento e, como tal, ele requer uma interpretação.

O sujeito discursivo do romance em questão, representado pela personagem Macabéa, pertence a uma classe que, socioeconômica e historicamente, é tida como inferior: é mulher, pobre e nordestina, em oposição ao sujeito narrador homem, classe média e de outras regiões do país. Aqui, percebemos que esses sujeitos se inscrevem em formações discursivas diferentes, que permitem ou não a insurgência dos mesmos.

Como pontua Pêcheux, o acontecimento remete a um “conteúdo sócio-político ao mesmo tempo perfeitamente transparente (...) e profundamente opaco” (PÊCHEUX, 1990, p. 19-20). Os elementos históricos e sociais, tais como as questões de gênero, de classe social, de classe trabalhista e de origem, ajudam-nos a atribuir sentido à história desse sujeito Macabéa.

Desde criança, Macabéa é marcada pela falta. Teve uma infância sem brincadeiras; é órfã e logo depois que perde a sua tia muda-se para o Rio de Janeiro, onde divide quarto com mais quatro moças, trabalha como datilógrafa e quando não está no trabalho está em casa ouvindo a Rádio Relógio. Conhece Olímpico de Jesus, também nordestino, metalúrgico, por quem se apaixona, mas ele acaba trocando-a por sua colega de trabalho, Glória (que possuía atributos de beleza que atendiam ao padrão desejado). Tanto Olímpico quanto Macabéa exerciam profissões que não exigiam nenhuma reflexão: “metalúrgico e datilógrafa formavam

um casal de classe” (LISPECTOR, 1998, p. 45), ambas as profissões não pertencem ao campo intelectual. Ele sonhava ser deputado e fingia para Macabéa que conhecia mais das palavras do que ela – o domínio da linguagem representa superioridade e poder. Como pontua Eduardo Guimarães e Eni Orlandi (2006), o político é um elemento próprio das relações sociais. Na sociedade, há divisão desigual dos sentidos e o político faz essa divisão: há “vozes” mais autorizadas e há “vozes” menos autorizadas. Macabéa e Olímpico, em certo sentido, pertencem a um mesmo grupo, se considerarmos a classe social e a etnia, mas se considerarmos a sociedade machista e patriarcal na qual vivemos, ele estaria em uma posição superior a ela, pelo fato de ser homem, teria “direito” à voz, teríamos a oposição homem/direito à voz versus mulher/silenciamento.

Por recomendação de sua amiga Glória, Macabéa consulta uma cartomante que lhe diz que ela terá um futuro maravilhoso e ela acredita nas palavras da cartomante, mas o futuro que a espera é a morte. Aliás, o nome de Macabéa já é a sentença do seu destino: a mãe dera-lhe esse nome devido a uma promessa feita a Nossa Senhora da Boa Morte, caso ela “vingasse”.

Rodrigo S. M. afirma que Macabéa tinha medo da morte e por isso vivia de menos, para gastar pouco da vida e ela não acabar; mal sabia ela que esse seria o destino que o seu criador lhe daria, tentando convencer o leitor de que se pudesse faria diferente: “ela nascera para o abraço da morte. A morte que é nesta história o meu personagem predileto (...) As coisas são sempre vésperas e se ela não morre agora está como nós na véspera de morrer, perdoai-me lembrar-vos porque quanto a mim não me perdoou a clarividência” (LISPECTOR, 1998, p. 84), ou seja, a morte é natural, todos irão morrer e com Macabéa não pode ser diferente, ainda mais tendo em vista o lugar social que ela ocupa.

Conforme observado em análise realizada em momento anterior, a partir de outra perspectiva teórica (Cf. CAMARGO; CRUZ, 2014), a forma como Rodrigo S. M. constrói essa personagem ao longo da narrativa é sempre marcada pela marginalização, depreciação e passividade. Os marcadores linguísticos que o narrador usa para se referir a Macabéa são sempre de negação, falta, ausência, carregados de preconceito: “escrevia mal”; “cadela vadia”; “esvoaçada magreza”; “pobreza de corpo e espírito”; “feia”; “nariz entupido”; “incompetente para a vida”; “tola”; “sem sangue”; “cerzideirinha mosquito”; “doce e obediente”; “olhos enormes, redondos e saltados”; “ar de desculpa por ocupar espaço”; “encardida”; “cheiro morrinhento”; “era café frio”; “raqútica”; tinha “suor

que cheirava mal”; “pálida e mortal”; “calada”; “assexuada”; “neurótica”; “torta”; “roía unhas até o sabugo”; “era uma acaso”; “matéria vivente”; “voz crua e desafinada como ela”; “insignificante”; “magricela”; “suja”; “ovários murchos”; “idiota”; “mentirosa”; “pensamentos gratuitos e soltos”; “enjeitadinha”; “sem seio”; “feroz e desajeitada”. Macabéa não atende aos padrões de beleza física, não sabe comportar-se, não segue os padrões de higiene... É essa a imagem que o narrador constrói dela. Ela é uma criatura criada por meio do discurso dele, marcada pela falta, pela carência, pelo silêncio, em oposição ao lugar que ele ocupa: é homem, mora no Rio de Janeiro e é escritor, trabalho que exige reflexão, ligado ao trabalho intelectual.

No romance, há o entrecruzamento de diversas formações discursivas, que constituem os sujeitos e revelam para o leitor uma realidade social existente em dada época da história. Essas formações discursivas, permeadas de formações ideológicas, resultam da mesclagem de fatores históricos – patriarcalismo, machismo, jogo do poder, valorização de certos estereótipos – e sociais – preconceito em relação à mulher, ao pobre e ao imigrante – e permitem as condições de produção do discurso realizado.

Compreender porque um texto aparece, e não outro, é também compreender que é graças à formação discursiva que compreendemos o processo de produção de sentidos:

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. [...] Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. (ORLANDI, 2000, p. 43-44)

Macabéa é uma personagem desprovida de discurso e temos um personagem escritor que é homem, heterossexual, branco e intelectual que faz a representação de uma personagem feminina, nordestina, imigrante, pobre e silenciada. A ideologia dele influencia na construção de sua personagem. Ele, todo o tempo, tenta convencer o leitor de que Macabéa é passiva, de que a iniciativa de não falar é dela, e ele faz isso por ela: “Ela falava, sim, mas era extremamente muda. Uma palavra dela eu às vezes consigo mas ela me foge por entre os dedos” (LISPECTOR, 1998, p. 29); “Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz” (LISPECTOR, 1998, p. 69).

A representação que Rodrigo S. M. faz de Macabéa se dá por meio da linguagem. A personagem Macabéa, assim como outras personagens femininas da obra – Glória e a cartomante – são marcadas pelo silenciamento e pela submissão. Macabéa é marcada pela ausência do domínio da linguagem, como Fabiano, em “Vidas secas”, de Graciliano Ramos, mas tem fascínio pela linguagem: escuta a Rádio Relógio todas as madrugadas, coleciona anúncios que recorta de jornais. O acesso que ela tinha à linguagem e aos produtos era feito por meio desses anúncios, escritos ou orais.

Em raros momentos da narrativa Macabéa é a dona do seu discurso; ela pensa não saber usá-lo: “Acho que não sei dizer” (LISPECTOR, 1998, p. 48). Vivia perguntando ao namorado o significado das coisas que ouvia na Rádio Relógio, porque era desprovida da compreensão da linguagem: “É que muita coisa eu não entendo bem” (LISPECTOR, 1998, p. 50), “Não sei o que está dentro do meu nome” (LISPECTOR, 1998, p.56). A primeira vez que fala em discurso direto na obra já indica submissão, humildade, após o chefe, com brutalidade, dizer-lhe que vai mandá-la embora: “– Me desculpe o aborrecimento” (LISPECTOR, 1998, p. 25).

Macabéa ocupa a posição de um sujeito marcado pela opressão. Por isso, a linguagem é precária. Acresce-se, ainda, o fato de Macabéa ser pobre e mulher. Em suas poucas falas revela ser cautelosa e servil, mantendo-se sempre distante na relação com o outro. Ela também significa, como já dissemos, ausências, o não ter: não tem família, não tem casa, não tem beleza e nem domínio da linguagem.

Conforme apontam Flávio Camargo e Vanessa Rita, as características das personagens – personalidade, físicas e psicológicas –, “assim como o painel social que se pretende criar, influenciam na construção delas. A coerência e a verossimilhança se fazem pela relação da linguagem da personagem com as condições de produção dessa linguagem” (CAMARGO; CRUZ, 2014, p. 158-9), portanto, para a construção da personagem Macabéa, não podemos desconsiderar os aspectos sócio-históricos e ideológicos que determinam e regulam o processo de enunciação dessa personagem – mulher, pobre, nordestina, imigrante, órfã - de modo que seus enunciados, embora raros, possuem uma regularidade linguística, condizente com o espaço social do qual ela enuncia. Muitas vezes, conhecemos a “alma” das personagens e as nuances do espaço por meio da análise de suas falas, ou, do seu silêncio. Muitas vezes, só compreendemos os efeitos de sentido de uma obra por meio da análise da

linguagem das personagens. E é claro que a compreensão só é possível se se relacionar as regularidades linguísticas dos enunciados dessa personagem às suas condições de produção. A linguagem – o silêncio – de Macabéa é essencial para que melhor compreendamos a sua essência e o sentido da obra.

Ao longo da obra, em poucos momentos, Macabéa demonstrará lucidez: quando pela única vez se fez a pergunta “quem sou eu?” (LISPECTOR, 1998, p. 32); quando se reconhece em uma classe social, ao ver o livro do chefe que tinha o título de *Humilhados e ofendidos* (LISPECTOR, 1998, p. 40); quando ao sair da cartomante sente que é gente e tem consciência de sua existência. Na hora da sua morte será uma estrela, terá o seu momento de glória. Ela desejava ser artista de cinema, desejava ser vista, contemplada, queria ser estrela. Quando é atropelada, diante da morte, é que começa a existir: “Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci” (LISPECTOR, 1998, p. 80). Ali, caída no chão, as pessoas a olham pela primeira vez, ela ganha existência. A morte física de Macabéa é simbólica: representa o seu renascimento, a sua consciência. Ela mesma questiona se é ou não gente, se existe ou não: “Desculpe mas não acho que sou muito gente”, “É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para conseguir ser possível” (LISPECTOR, 1998, p. 48).

Vale ressaltar que a morte de Macabéa também é a morte de Rodrigo S. M.: “Macabéa me matou” (LISPECTOR, 1998, p. 86), porque ela era um reflexo dele. Quando põe fim à vida dela, sua história acaba, ela era objeto de sua escrita. O processo de escrita caminhava junto com a construção da personagem. *A Hora da Estrela*, a morte, era comum a ele e a ela.

Quando Clarice Lispector insere Rodrigo S. M. na narrativa, ela cede lugar para que este personagem autor-escritor também fale. Essas diferentes vozes discursivas da narrativa, de Lispector e da personagem Rodrigo S. M., marcam na obra o plurilinguismo de que fala Bakhtin. Para Bakhtin (1988), o plurilinguismo significa as diferentes linguagens que constituem o discurso de um romance. A introdução de um narrador na obra já evidencia a não existência de apenas a linguagem do autor. Este pode utilizar-se da linguagem de *outrem* para proferir o “seu” discurso. Nos discursos dos personagens, como nos mostra Bakhtin, também temos essa pluralidade de linguagens, e não apenas na fala do autor ou narrador. Os discursos dessas personagens, constituídos de palavras de *outrem*, podem revelar as intenções do autor. Assim, a fala dos perso-

nagens, do narrador e do autor podem misturar-se. O discurso não pertencerá a apenas um locutor, logo, exprimirá diferentes intenções. Ressalta-se, porém, que as diferentes vozes estão dialogicamente relacionadas. Lembrando que todo discurso é fruto “das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais ele irrompe, (...), só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” (PÊCHEUX, 1990, p. 56).

Os conceitos da Análise de Discurso proporcionam a compreensão dos sujeitos e de seus discursos, assim como as ideologias em que eles se inserem. Proporcionam o reconhecimento das diversas vozes que constituem o sujeito e que essas vozes só fazem sentido porque existem sócio-historicamente. Esses conceitos permitem ao leitor uma leitura que considera o exterior do que está escrito no texto, uma leitura que faça sentido considerando os aspectos históricos e sociais das palavras, de quem as diz e com que intenção as diz.

Os diferentes discursos manifestados no romance permitem ao leitor atribuir sentido com o que se depara e identificar os sujeitos. Discursos que são perpassados por preceitos políticos, econômicos, religiosos, questões de gênero, de etnia... Esses dados históricos são refletidos pela memória suposta pelo discurso, que é reconstruída pela enunciação e requer a retomada e a circulação de diversos discursos.

É possível verificar na narrativa que, por meio da linguagem, o escritor traz para a ficção mundos de sua imaginação e os reconstrói com a ajuda do leitor. A obra não se presentifica em um contexto apenas literário, mas também ideológico e político. A própria ação de narrar é ideológica, pois traz em si os discursos ao qual se opõe.

5. Considerações finais

Uma leitura realizada com olhar mais analítico, buscando-se compreender e entender como a obra faz sentido por meio dos sujeitos e para os sujeitos, percebendo, ainda, que esse sentido se dá considerando as condições de produção do discurso, o sócio-histórico e o ideológico são critérios fundamentais, para que a leitura literária não fique somente na superficialidade.

Percorremos um caminho pela obra, não para esgotar as possibilidades de leitura, mas para que, aplicando algumas noções da Análise de Discurso, pudesse ser percebido o quão significativa se torna a leitura,

quando se compreende que a linguagem não é neutra, que o outro é condição para que o discurso do sujeito exista e tudo o que diz lhe é permitido pela formação discursiva em que está inserido e pela ideologia que o circunda.

O objetivo em “lançar mão” da Análise de Discurso na análise do romance “A hora da estrela” torna-se válido uma vez compreendido que a leitura não é transparente e que o seu sentido não estaciona nas linhas do texto, deve-se realizar um percurso pelo histórico, social e ideológico, o que quer dizer que o texto deve ser confrontado com o exterior.

Por fim, perceber que a leitura significa muito mais que “um olhar para as linhas do texto”, significa interpretar, compreender o que está escrito, o que está supostamente escrito e o que poderia ter sido escrito, caso as condições de produção do discurso tivessem permitido, considerando sempre *quem disse, para quem disse e em que circunstâncias disse*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BOUQUET, Simon; ENGLER Rudolf; WEIL, Antoinette. *Escritos de linguística geral*. Trad. de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas-SP: Unicamp, 2004.

CAMARGO, Flávio Pereira; CRUZ, Vanessa Rita de Jesus. O personagem-escritor e a questão da narrativa metaficcional em A hora da estrela, de Clarice Lispector. In: CAMARGO, F.P.; CARDOSO, J.B. (Orgs). *Estudos de ficção brasileira contemporânea: produção, recepção e crítica*. São Paulo: Fonte, 2014. p. 145-66

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERREIRA, Lucia Maria Alves; RODRIGUES, Andréa. Acontecimento e(m) Discurso: a disputa de sentidos sobre a ocupação de uma favela carioca em relatos jornalísticos brasileiros e estrangeiros. *Signum: Estud. Ling.*, n. 16/1, p. 121-47, jun. 2013. Londrina, 2013.

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni P. O conhecimento sobre a linguagem. In: NUNES, J.H.; PFEIFFER, C.C. (Orgs). *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ORLANDI, Eni P. Segmentar ou recortar?. *Série Estudos – Publicação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba. Linguística: questões e controvérsias*, p. 9-26, Uberaba, 1984.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2000.

_____. Análise de discurso. In: ____; RODRIGUES, S.L. (Orgs). *Introdução às ciências da linguagem – Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio, São Paulo: Record, 2004.